

Algo cheira mal na Dinamarca

Via [Contrahegemonia](#)

Uma aura mítica emana dos cartões postais que chegam ao mundo vindos da Dinamarca: estado de bem estar forte, mercado livre e competitivo, o país mais feliz do mundo. Estas imagens quase utópicas foram imortalizadas pela Netflix quando ela nos trouxe Borgen. Entretanto, o consenso anti-imigração que engloba todo o espectro político dinamarquês mostra que a onda conservadora europeia também está inundando as costas mais progressistas do continente. De Aarhus, uma crônica da vida nos “guetos” pós-modernos.

A Dinamarca é frequentemente retratada como um país em harmonia, onde as ideologias estão há muito mortas. Sedutora para esquerda e direita globais, aparece sempre no top 3 do ranking mundial de bem-estar, liberdade de mercado, felicidade e igualdade social. “O escandinavo é o futuro”, disse à crise um jornalista argentino que escreveu um artigo laudatório sobre o Seriedanese Borgen em um jornal nacional. Borgen (pronunciado “Bowen” e referente à sede do governo), que terminou em 2013 e que a Netflix distribuiu mundialmente em 2020, faz parte dos cartões postais daquele estado de bem-estar onde até mesmo a “política” funciona bem.

Mas a exceção nórdica aos altos e baixos de um continente em tumulto é apenas um dos mitos associados com o país do norte. A crise migratória que explodiu em 2015 veio para testar essa e muitas outras lendas e, hoje, quase não restam vozes discordantes para uma postura categoricamente anti-imigração. Em Borgen, a primeira-ministra, Brigitte Nyborg, deixou seu partido em protesto a essa posição. O mesmo não acontece em um país onde existe uma lista governamental de guetos, mas também uma lista de projetos já aprovados com uma data exata para sua eliminação.

Viver fora

Quando organizo uma visita para ver meu apartamento na cidade de Aarhus, Dinamarca, não tenho ideia no que me estou me metendo. Meu amigo dinamarquês Simon me pergunta como está indo a busca por minha nova casa. Respondo que o bairro se chama Brabrand, que é um bom preço por um quarto e que estarei morando com uma dinamarquesa de 50 anos; finalmente, mostro-lhe o endereço no mapa. “Está em Gellerup? Isso é um gueto, Agustina!”, responde ele e a expressão me alarma.

Mais tarde eu aprenderia que Brabrand é na verdade um bairro de grandes casas e mansões brancas, que estenderam seu domínio para o gueto por ordem municipal. A antiga área chamada Gellerup gradualmente apagou seu nome: escolas, jardins de infância e clubes que uma vez tiveram esse nome alterado, numa tentativa de se retirar da associação com um dos “bairros problemáticos”. No entanto, devido à teimosia política argentina, eu ainda a chamo de Gellerup, uma vez que vivo lá.

Em 2010 o gueto deixou de ser um termo pejorativo com significado histórico para se tornar uma classificação governamental. Hoje, para o governo, um gueto é um bairro onde a proporção de imigrantes e descendentes não-ocidentais ultrapassa 50%. Essas áreas também devem apresentar alto desemprego, uma taxa de condenação três vezes maior que a média nacional e baixos níveis de renda ou baixo nível de educação. Atualmente, 15 bairros de todo o país são considerados guetos.

A lista é renovada a cada ano, em um evento de mídia que todos vigiam e no qual ninguém quer estar. Em 2019, a empresa proprietária do alojamento Bispeparken em Copenhague enviou seus funcionários para bater às portas e perguntar aos residentes migrantes se eles tinham alguma formação universitária que não havia sido validada junto às autoridades. Eles precisavam de 17 pessoas com diplomas para não serem considerados um “gueto duro”, ou seja, um bairro que

permanece na lista crítica por mais de cinco anos consecutivos. Eles conseguiram 22 e escaparam. Existem outras estratégias: algumas agências de aluguel pedem “estudantes ou graduados universitários” ou mesmo “indivíduos com alto patrimônio líquido” para povoar os apartamentos do gueto para que não sejam um.

A mudança

Minhas primeiras sensações quando entro no gueto são de me desapegar com gratidão da bolha perfeita da cidade. Eu gosto de dizer que a Dinamarca é como um país muito grande. Mas isto é diferente. Em direção ao horizonte, vejo como alguns blocos de cimento gigantescos se erguem e acho que este é meu destino. Confirmo isso quando vejo algo incomum na paisagem local: um tuk tuk (também chamado de mototáxi em algumas grandes capitais latino-americanas) circulando ao longo da ciclovia, que está completamente deslocada. Eu vou para dentro. Até onde a vista alcança, há complexos de apartamentos. Eles foram construídos nos anos 70 por trabalhadores da Turquia, Paquistão, Marrocos e da ex-Iugoslávia. Eles foram planejados como um vilarejo residencial acessível e moderno: lar para mais de seis mil pessoas, inspirado pelos preceitos de Le Corbusier. Apartamentos brilhantes na vanguarda da época, com materiais sólidos, amigáveis, com grandes espaços verdes e um sistema de aquecimento de biomassa auto-sustentável. Mas nos anos 80 este complexo habitacional sofreu um inesperado efeito de recuperação da crise do petróleo: as varandas estavam cheias de migrantes e refugiados do Irã, Iraque, Somália e Bósnia, aos quais o governo destinou moradias baratas.

Os lençóis e colchas são estendidos nas varandas e posso sentir o cheiro de especiarias cozidas ao meio-dia; também o cheiro de sujeira e os vapores de urina, amontoados nos cantos de alguns espaços.

Lei de Guetos

Quando em fevereiro de 2018 o então Primeiro Ministro Lars Løkke Rasmussen apresentou o plano Uma Dinamarca Sem Sociedades Paralelas, e declarou: “A própria essência dinamarquesa está sob ameaça e, portanto, é necessário pôr um fim à ideia de que todos na Dinamarca devem ser tratados igualmente”. O plano, proposto pelo governo anterior de centro-direita, mas impulsionado pela atual coalizão de centro-esquerda, inclui um artigo estipulando que se certos crimes forem cometidos em tais “zonas de punição reforçada”, as penas podem ser dobradas.

Além disso, desde seu primeiro aniversário, as “crianças do gueto” são obrigadas a frequentar um jardim de infância especial durante 25 horas por semana para serem educadas em “valores dinamarqueses”. Diz o site oficial: “Durante o tempo no jardim de infância, seu filho deve ter desenvolvido sua capacidade de falar dinamarquês e ter aprendido as tradições e feriados dinamarqueses, tais como Natal, Páscoa, Dia da Constituição e Quaresma, bem como as normas e valores da Dinamarca”.

Mas isso não é tudo: a Lei de Guetos também estipula que não pode haver mais de 40% de moradias sociais até 2030. “Uma Dinamarca sem guetos até 2030” é outro dos slogans com os quais este pacote de leis é promovido. Isso significa que em Vollsrose, um gueto em Copenhague, 1.000 casas terão que ser demolidas. Em Gellerup, na cidade de Aarhus, onde moro, são estipuladas cerca de 400 pessoas a menos. Em outros bairros vulneráveis, eles serão vendidos e transformados em propriedade para investidores privados. Isso naturalmente levará a aluguéis mais altos e ao desmantelamento dessas comunidades, que o governo chama de “sociedades paralelas”.

O plano provocou críticas de especialistas das Nações Unidas em direitos humanos. E os moradores dos guetos se organizaram e processaram o Estado. Em Nørrebro, em Copenhague, entre suas ruas tão cheias de câmeras de segurança quanto de centros culturais, os moradores colaram cartazes com suas fotos por

todo o bairro com o slogan “Não à Lei do Gueto: somos um bairro misto”. Em Gellerup, uma bandeira voa “Não à demolição” em dinamarquês perfeito.

Vidas paralelas

É feriado, mas o bazar em Gellerup não fecha para isso ou qualquer outra coisa, a menos que seja segunda-feira. O grande galpão é um lugar único para fazer compras e o mais próximo possível de um mercado na maior parte do país. Os cheiros sobem e estagnam na umidade do clima dinamarquês: há falafel, kebab, samosas, kepis, grelhas de fogo. Há pilhas de legumes que você não poderia encontrar em nenhum supermercado: mandioca, banana verde, maracujá, damascos, figos e todas as variedades de datas imagináveis.

Os homens fumam e discutem em voz alta. Eles fazem seus negócios, barganhando; algumas poucas matronas fazem suas compras embrulhadas em suas grandes roupas escuras, cabisbaixas. A sombra de uma burca azul vira a esquina e me surpreende: é proibido, neste país, cobrir o rosto com o véu. Mas este é um espaço liberado. Existem drogas de má qualidade, se você perguntar da maneira correta. Existem condimentos e alimentos de todo o mundo, principalmente do Oriente. Há móveis, tapetes e utensílios domésticos, coisas que você nunca veria no minimalismo de uma casa dinamarquesa. E também há moda em exposição: acessórios de cabelo brilhante, niqabs em várias cores e até mesmo imitações da Louis Vuitton. Embora eu só veja homens em trajes tradicionais nos dias de casamento no gueto, mulheres e meninas usam seu hijab naturalmente, todos os dias, o tempo todo. Alguns o fazem, outros não, mesmo que andem juntos. Gosto de brincar de imaginar as razões pelas quais algumas usam túnicas e outras apenas véus, por que algumas usam roxo e outras preto, por que uma está dormindo em seu hijab rosa enquanto outra brinca com seus caracóis livres. Pode depender de quão religiosas são suas famílias, se são somalis, líbias, sírias, afegãs, se sentem ou não liberdade de escolha lá fora. O que será que vai acontecer lá dentro?

Ocidentais e cristãos

Em 2019, os imigrantes e descendentes de imigrantes de países não ocidentais representavam 8,9% dos 5,8 milhões de habitantes do país. Esse termo – “não-ocidental” – forma a matéria-prima a partir da qual é feita a classificação do gueto, mas para o governo ela é muito heterogênea. “Na Dinamarca não temos problemas com pessoas da América Latina ou do Extremo Oriente”. Temos problemas com pessoas do Oriente Médio e do Norte da África”, disse o Ministro da Integração e Imigração Mattias Tesfaye, que quer parar de empurrar todos os migrantes para dentro do mesmo saco e ser mais preciso na pirâmide da discriminação estatal.

“Eles têm medo da identidade muçulmana”, diz Salam (37) em diálogo com a crise. Ela fugiu da Síria em 2015 e não sabia nada sobre a Dinamarca. Ela queria chegar à Suécia porque, de sua vida entre as bombas e a prisão, ela imaginava que lá teria a garantia total de estabilidade e liberdade: o reino sonhado do bem-estar.

Mohammed, por sua vez, nos diz que chegou à Dinamarca em 2015 vindo da Turquia, comprando um passaporte roubado por 10 mil dólares; ele está convencido de que este é o preço que pagou pela liberdade. Mas a liberdade tem suas nuances: ele quer mudar seu nome porque sabe que se sua identidade deixar de soar como um nome muçulmano, ele terá 50% mais chances de ser contratado. Ele sonha em voltar a trabalhar como designer gráfico, a profissão que escolheu na Síria, um país que não existe mais para ele.

De acordo com as narrativas de integração dinamarquesa, qualquer imigrante na Dinamarca deve se deparar com dois lados da mesma moeda: um futuro dinamarquês ou um passado muçulmano. Salam assinala: “Nunca me tornarei parte da vida aqui, mas faço o que tenho que fazer”. Enquanto alguns imigrantes resistem à integração ou a aceitam com resignação, outros correm atrás dela.

A revolta

Hoje é o Dia da Constituição, um feriado público. Bandeiras vermelhas e brancas estão voando em avenidas por toda a cidade, mas não aqui. No resto do país é um dia dedicado inteiramente à política: a rainha faz seu discurso, funcionários e líderes partidários debatem o estado do governo. Mas aqui em Gellerup, é uma tarde normal. O sol de verão obriga as pessoas a saírem para as calçadas e as mulheres – somente elas – fazem as rondas das cadeiras de praia e conversam enquanto as crianças correm por aí. Seus rostos se distinguem nos tecidos: as mais velhas usam chadors, as mais jovens optam pelo niqab. Fumam narguilé durante toda a tarde. As flores crescem no verão em todo o parque do gueto, atingindo até um metro de altura, em todas as suas cores. A paisagem arquitetônica mudou muito desde a minha chegada. O plano do governo está implementando suas melhorias: instalaram quadras e playgrounds; desmembraram e construíram novos apartamentos, onde incorporadores imobiliários pretendem convidar mais dinamarqueses para viver, apostando na gentrificação; montaram uma estação de ginástica que durou três semanas em pé antes de ser vandalizada; fizeram caminhos sinuosos de concreto; alguns são tão absurdos que as pessoas cortam caminhos e marcam seus próprios no meio das flores; quebraram a escuridão das longas noites no bairro, instalando luzes coloridas vibrantes sobre as ruas e prédios. Acho que os ricos escolhem coisas para os pobres que eles mesmos nunca usariam.

Por volta das 4 horas, os rumores da rua nos obrigam a nos levantar. Alguns habitantes do bairro estão esperando uma visita indesejada, com pirotecnia e fogo como armas. Saímos para as varandas para ver o que está acontecendo na periferia do bairro. As pessoas se amontoam e correm. Um político chamado Rasmus Paludan escolheu como sua plataforma o canto mais problemático da cidade para ele: o Portão Gellerup, a entrada para o gueto. Paludan e os apoiadores de seu partido

(chamado Stram Kurs, ou seja, Linha Dura) sabem que não são bem-vindos. O homem, louro e roliço, carrega uma reputação que o obriga a usar um colete à prova de balas e tem proteção policial permanente. No tumulto, um homem de origem libanesa, cercado por câmeras de televisão, empunha uma faca e ameaça matá-lo. O atacante é muçulmano e um dos milhares que a guerra trouxe para as terras dos Vikings. Com a faca na mão e os olhos fixos em Paludan, ele só consegue gritar “Allahu akbar”, até que uma bala da polícia lhe acerta na perna.

Então o lugar se transformou em uma batalha campal. De um lado estão as bandeiras, as câmeras de TV, a polícia e Paludan; na frente deles estão os grupos vociferantes do gueto, em sua maioria homens jovens, que barricam a rua e atiram pedras e canhões voadores na polícia, um espetáculo que nos faz gritar de nossas varandas por várias horas.

Esta não é a primeira vez que este desastre foi orquestrado. Há alguns meses, Paludan passou por Nørrebro, o maior gueto de Copenhague. Em uma esquina, ele queimou uma cópia do Alcorão e a transmitiu no Facebook. O evento provocou motins, porque se uma coisa é clara, é que as identidades dos migrantes não ficarão de braços cruzados e observarão seus destinos em seus telefones celulares. Naquela época, Paludan recebeu uma chuva de pedras e um jovem sírio foi parar na cadeia.

Paludan quer proibir o islamismo, deportar muçulmanos e prender estrangeiros em um centro de detenção na Groenlândia. Em 2019 estas idéias chegaram ao pleito eleitoral geral, embora o advogado não tenha conseguido entrar em Borgen: ele obteve 1,8% dos votos, abaixo do limiar eleitoral de 2%. Mas Paludan é apenas o representante mais extravagante destas ideias; além desta figura política – que supera de longe a belicosa Svend Åge Saltum, líder da extrema direita em Borgen – talvez a coisa mais marcante na vida cotidiana seja que os partidos no poder, independentemente da afiliação ideológica, invariavelmente implementam o espírito destas propostas controversas e mediáticas. E às vezes até superam isso.

Série de mudanças

Diz-se que a protagonista de Borgen Birgitte Nyborg previu Mette Frederiksen, a primeira mulher a ser eleita primeira-ministra dinamarquesa, com nove anos de antecedência. Mas Nyborg e Frederiksen não são tão parecidos. “Acreditamos que vivemos em uma sociedade multiétnica, por isso é uma perda de tempo discutir como evitá-la”, diz a fictícia Nyborg. Para Frederiksen, a verdadeira, a Europa é “muito liberal” com sua política de imigração, a imigração em massa “é um problema” e depois de tomar posse, ela pediu o fechamento de todas as escolas muçulmanas do país.

A coalizão de centro-esquerda que hoje está no verdadeiro Borgen não tomou sequer a precaução cosmética que a mesma força política tinha no período 2011-2015, quando mudou o nome da lista de guetos para a mais amigável “lista de áreas vulneráveis”. O voto social-democrata também apoiou leis que confiscam a propriedade dos refugiados que chegam ao país e proíbem o véu islâmico. Em setembro de 2019, Frederiksen recebeu um novo título de “Ministro da Imigração”. O objetivo era melhorar os canais diplomáticos para que os requerentes de asilo fossem para outros países. E ele conseguiu: em 2020 apenas 1.547 pessoas solicitaram asilo na Dinamarca, o número mais baixo desde 1998. Mas a figura está longe do objetivo da primeira-ministra, que disse em janeiro de 2021 que pretende que seu país receba “zero” refugiados.

“Em 2019, ficou claro: quem dissesse o pior ou o mais restritivo sobre os imigrantes ganharia a eleição”, lembra Ole Ellekrog, jornalista especializado em questões habitacionais, em diálogo com a crise. “É uma corrida para baixo, uma corrida para a direita”, resume ele.

Os partidos políticos são a expressão de uma parte importante da sociedade dinamarquesa, que não escapa às tendências autoritárias que abraçam um território cada vez maior da Europa, especialmente desde a onda migratória de 2015. Talvez

a origem mais profunda esteja, como aponta a socióloga Jasna Balorda da Universidade de Liverpool, na erosão do mito de que os dinamarqueses mais se orgulham, qualquer que seja sua orientação política: seu estado de bem-estar. O mito persiste, embora a crise econômica de 2008 tenha sido a desculpa perfeita para acelerar as reformas neoliberais iniciadas em 2002 como consequência da entrada do país na União Europeia e do enfraquecimento dos sindicatos: o período de tempo em que alguém pode usufruir do seguro-desemprego foi reduzido de quatro para dois anos, a idade média de aposentadoria foi aumentada e o acesso a vários benefícios foi restrito. Ao mesmo tempo, a retórica mudou: segundo Balorda, ela passou de um sistema universal de garantia dos direitos dos cidadãos para um sistema “coercitivo, autoritário e neoliberal” que “visa disciplinar e punir se certos critérios não forem cumpridos”. Segundo o cientista político Jørgen Goul Andersen, isto criou uma nova classe social: os pobres indigentes que não “merecem” assistência estatal, uma categoria étnica para imigrantes, mas que agora engloba cada vez mais dinamarqueses.

País eurocético

“O Estado gasta muito dinheiro protegendo pessoas como Paludan, a polícia deveria estar lá para coisas mais importantes”, reclama Anne Marie, minha colega dinamarquesa no gueto. Com 51 anos, ela está apostando nos baixos aluguéis do bairro e espera que o resto dos dinamarqueses descubra os benefícios da integração. Suas expressões seguem a opinião pública progressista: a questão não é controlar esses discursos, a questão é que eles são caros para o Estado e aqui “os impostos não são pagos para proteger políticos violentos”.

As luzes dos carros de patrulha ainda se refletem nos vidros. O que o Dia da Constituição deixou para trás é uma guarda policial permanente, porque os jovens do gueto se manifestam queimando latas de lixo e carros, em uma caravana de buzinas eternas que brinca de esquivar-se da polícia durante toda a noite.

Como em grande parte do mundo, são os partidos de extrema-direita os mais capazes de explicar e explorar o sentimento de falta de proteção, com uma diferença na Dinamarca: aqui eles mantêm uma posição favorável em relação à assistência estatal, o que lhes permite apresentar-se como defensores dos trabalhadores de colarinho azul, dos precários e pensionistas, ao mesmo tempo em que mantêm posições autoritárias em relação aos imigrantes, ao multiculturalismo e ao islamismo. Os migrantes são assim construídos como inimigos dos valores dinamarqueses não apenas em termos de sua religião e cultura, mas também como uma ameaça ao Estado social, o mais dinamarquês dos valores. A crítica de que “os homens muçulmanos não deixam suas esposas trabalhar”, tantas vezes ouvida no país, não é apenas uma exigência do feminismo liberal, mas também uma exigência de produtividade de uma comunidade que é vista como um parasita de um Estado que deveria, em primeira instância, cuidar de seu próprio Estado. “A primeira ministra e seus amigos elitistas querem ajudar os pobres na África. Mas e os pobres na Dinamarca?”, pergunta um senador da oposição em um episódio de Borgen. Disputadas pela Nyborg na série, na vida real estas idéias foram rapidamente absorvidas pela Primeira Ministra Fredericksen: “O preço da globalização desregulamentada, da imigração em massa e da livre circulação da mão-de-obra é pago pelas classes mais baixas”.

Algo mítico emana dos cartões postais que chegam ao mundo vindos da Dinamarca: um Estado social forte, um mercado livre e competitivo, o país mais feliz do mundo. Estas imagens quase utópicas foram imortalizadas pela Netflix quando ela nos trouxe Borgen. Em paralelo, habitamos um mundo que é cada vez mais assustador. Um mundo do qual a Dinamarca, eurocéptica, às vezes parece não querer fazer parte.